

TÍTULO
SOU NINGUÉM? POIS NÃO SOU HOMEM E NEM SOU BRANCA:
A dolorosa universalização da interseccionalidade na
existência da mulher negra

SIMPÓSIO TEMÁTICO
Saúde mental, para quem? Perspectivas de cuidado emocional,
tensionamentos de gênero e étnico-racial

Maria Vitoria Lucas Duarte ¹
vitoriaduarte.psic@gmail.com
Dra. Moema Alves Macêdo²
moema@leaosampaio.edu.br

Este artigo tem como objetivo analisar como a universalização da interseccionalidade entre raça e gênero contribui para o agravamento do sofrimento psíquico das mulheres negras. A partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, foi realizada uma revisão narrativa da literatura com base em autoras negras que discutem feminismo negro, racismo estrutural e saúde mental. A pesquisa evidencia que a mulher negra, historicamente marcada por opressões interseccionais, enfrenta um processo contínuo de desumanização, silenciamento e exclusão social, o que contribui diretamente para o desenvolvimento de quadros de sofrimento psíquico, como baixa autoestima, ansiedade crônica e autossilenciamento. Além disso, o trabalho propõe uma reflexão crítica sobre o “não lugar” da mulher negra na sociedade, problematizando o mito da mulher forte e a ausência de políticas públicas e práticas clínicas adequadas às suas especificidades. Nesse mesmo sentido, aponta as contribuições da psicologia no cuidado com as mulheres pretas ao reconhecer que seus sofrimentos têm raízes históricas no racismo estrutural, práticas como a escrevivência valorizam saberes ancestrais e ajudam a ressignificar experiências de exclusão, ações afirmativas e espaços coletivos de troca fortalecem o sentimento de pertencimento e promovem saúde mental. Conclui-se que o sofrimento psíquico da mulher negra deve ser compreendido como expressão legítima de um sistema excludente e violento, e que o cuidado só será efetivo se comprometido ética e politicamente com a escuta e a valorização de suas subjetividades.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Mulher negra; Sofrimento psíquico; Racismo estrutural; Feminismo negro.

¹ Autora. Graduada de Psicologia pela Universidade Doutor Leão Sampaio, ANSINEP-CE

² Orientadora. Professora, supervisora e orientadora de estágio do curso de psicologia da UNILEAO. Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino em Saúde (Mestrado profissional)/UNILEAO. Coordenação estadual e nacional da ANPSINEP. Integrante do grupo Feminista de Pesquisa em Gênero de Masculinidades (GEMA/UFPE). Psicóloga efetiva na SESAU/JN-CE. Doutora em psicologia - UFPE. Mestra em ensino em saúde - UNILEAO. Graduada em psicologia - UFPE